#181

A Europa e os refugiados no Vision Europe Summit Orquestra Gulbenkian em digressão no Brasil Melhorar a saúde materna na Guiné-Bissau Crises socioeconómicas e saúde mental

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN | 60 ANOS

novembro

Neste número

© D.R.

© PEDRO A. PINA / ANTENA 2

4
A Europa e os refugiados

O Vision Europe, projeto que une oito fundações e *think tanks* europeus, já publicou os primeiros estudos que apontam o caminho a novas soluções para um dos maiores desafios da Europa: a crise dos refugiados. Este mês, na Fundação Gulbenkian, mais de 100 decisores políticos e delegados especialistas dos Estados-membros, instituições europeias e organizações internacionais, vão debater a questão das migrações na Europa.

6
Melhorar a saúde materna na Guiné-Bissau

Vasco Na Dum está desde setembro no Hospital de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães. Ele é um dos dez bolseiros colocados até final do ano em diversos hospitais portugueses, no âmbito do concurso de estágios de curta duração para profissionais de saúde dos PALOP e Timor-Leste, promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian. O seu projeto passa por aprofundar a aprendizagem enquanto médico na área de ginecologia e obstetrícia, para poder ajudar a mudar os maus indicadores na saúde materna do seu país.

16
Um jovem maestro promissor

Nuno Coelho Silva ainda não chegou aos 30 anos, mas já tem um percurso exemplar na música. Vencedor do Prémio Jovens Músicos, na recém-criada categoria de Maestro, está em Amesterdão a colaborar como maestro assistente numa produção da ópera *Parsifal* na Dutch National Opera. Uma experiência que lhe agrada, já que gostava de "trabalhar num teatro de ópera" e de se especializar nesse repertório.

20
Orquestra Gulbenkian em digressão

As cidades brasileiras de São Paulo e Rio de Janeiro acolhem a Orquestra Gulbenkian, de 6 a 9 deste mês, numa digressão composta por quatro concertos em que o solista será o violoncelista brasileiro António Meneses, tendo como maestro Lawrence Foster. "Uma rica troca de experiências para os dois lados" é como Frederico Lohmann, responsável pela entidade que vai acolher a Orquestra Gulbenkian, caracteriza a sua presença no Brasil.

ORQUESTRA GULBENKIAN © HUGO GLENDINNING

Índice

D.R. © MUSEU THYSSEN

30
Ambientes

Camille Monet retratada por Renoir, uma das obras mais icónicas do Museu Calouste Gulbenkian, é a escolhida para o cartaz da exposição *Renoir: intimidad*, que abriu em outubro no Museu Thyssen, em Madrid. Estão expostas mais de 70 obras que mostram as referências e as inspirações do pintor francês.

Notícias
4 Vison Europe Summit 2016
6 Melhorar a saúde materna na Guiné-Bissau
9 Novos livros sobre meninos especiais
10 Justiça para Tod@s e Vidas Ubuntu
11 Diálogos na universidade
12 Society for Social Neuroscience com presidente português
13 Evolução de uma espécie envolve as bactérias residentes
14 Um novo mecanismo na formação de neurónios

Aconteceu
15 Dia Aberto IGC
16 Um jovem maestro promissor
17 Rede de Bolseiros Gulbenkian
18 Prémio Europeu Helena Vaz da Silva

Conferências
19 Crises socioeconómicas e saúde mental

Música
20 Orquestra Gulbenkian em digressão pelo Brasil
22 Este mês

Arte
24 Portugal em Flagrante
26 Terceiro Andar
27 A Forma Chã
27 Obra

Leituras
28 Um artista entre cidades

Ambientes
30 Renoir no Museu Thyssen

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#181 — NOVEMBRO 2016 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA — THE DESIGNERS REPUBLIC — IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO — DDLX / REVISÃO DE TEXTO — RITA VEIGA / IMAGEM DA CAPA — REFUGIADOS NA EUROPA © JANOSSY GERGELY (SHUTTERSTOCK.COM) / IMPRESSÃO — GRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM — 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / GULBENKIAN.PT

Vision Europe Summit 2016
Primeiros estudos e conferência

O Vision Europe, projeto que une oito fundações e think tanks *europeus, já publicou os primeiros estudos que apontam o caminho a novas soluções para um dos maiores desafios da Europa: a crise dos refugiados.*

O Vision Europe é um projeto comum de oito fundações e *think tanks* europeus – Bertelsmann Stiftung, da Alemanha; Bruegel, da Bélgica; CASE – Centre for Social and Economic Research, da Polónia; Chatham House, do Reino Unido; Compagnia di San Paolo, de Itália; Jacques Delors Institute, de França; The Finnish Innovation Fund Sitra, da Finlândia, e a Fundação Calouste Gulbenkian –, que colaboram entre si para investigar, debater e, consequentemente, informar e influenciar os decisores políticos e a opinião pública sobre alguns dos mais prementes desafios de política pública que a Europa enfrenta. Este ano estão especificamente dedicados à crise dos refugiados.

Por meio de investigação, de publicações e da realização de uma conferência anual, o objetivo deste consórcio é constituir um fórum de debate e uma fonte de recomendações que, provindo da sociedade civil, permitam, de uma forma fundamentada, isenta e transparente, melhorar a tomada de decisões políticas, tanto ao nível da União Europeia como ao nível nacional.

Os três primeiros estudos que resultam do trabalho desenvolvido pelo Vision Europe já se encontram disponíveis *online*. Cada um destes estudos irá dar origem a um documento (que será divulgado ainda em novembro) com propostas concretas de políticas que possam afetar positivamente a crise dos refugiados.

No primeiro dos estudos, "Exploring the Current Migration/Integration 'Crisis' – What bottom-up solutions?", as autoras Tiziana Caponio (Universidade de Turim e Collegio Carlo Alberto) e Teresa M. Cappiali (Collegio Carlo Alberto) analisam a atual crise de migração/integração tendo em conta três fatores: a perceção das opiniões públicas relativamente à crise; as narrativas sugeridas por grupos políticos e pelos *media*; e as (boas) medidas tomadas por autoridades locais e organizações da sociedade civil.

Já em "Understanding the Drivers of Migration to Europe: lessons from Afghanistan for the current refugee crisis", Hameed Hakimi (Royal Institute of International Affairs, Chatham House) estuda a implementação e o impacto das abordagens europeias no Afeganistão, um dos países de onde mais refugiados têm saído nas últimas quatro décadas. Do exemplo afegão podem tirar-se ilações sobre as medidas a serem tomadas noutros países como a Síria, que irá continuar a ser um foco de ajuda humanitária e apoio ao desenvolvimento no futuro próximo.

Por fim, "From Fragmentation to Integration: towards a 'whole-of-society' approach to receiving and settling newcomers in Europe" mostra que a integração, mais do que nunca, está em primeiro plano nas mentes dos decisores políticos europeus. Neste texto, Demetrios G. Papademetriou e Meghan Benton (ambos do Migration Policy Institute) defendem que muitas das adaptações estruturais necessárias para transformar esta crise em oportunidade serão benéficas para todos.

Os três estudos estão disponíveis, em inglês, no *site* do Vision Europe Summit (vision-europe-summit.eu) e em gulbenkian.pt.

Conferência em Lisboa

A conferência anual – Vision Europe Summit –, que este ano terá a Fundação Calouste Gulbenkian como anfitriã, é o culminar da cooperação entre as oito entidades, ao juntar mais de 100 decisores políticos e delegados especialistas dos Estados-membros, instituições europeias e organizações internacionais. O evento procura abordar as políticas públicas de uma forma internacional e interdisciplinar, com o objetivo de desenvolver propostas pragmáticas e soluções políticas aplicáveis, querendo assim contribuir para um debate europeu baseado na investigação e em políticas inovadoras.

Os estudos e as propostas de novas políticas serão apresentados na conferência, que se realiza nos dias 21 e 22 de novembro. O evento será à porta fechada, apenas para os participantes convidados, mas pode ser seguido em direto, via *livestream* no *site* da Fundação Calouste Gulbenkian.

Melhorar a saúde materna na Guiné-Bissau

Vasco Na Dum é médico e trabalha na área de Ginecologia e Obstetrícia em Bissau, no Hospital Simão Mendes, o hospital nacional de referência. Na Guiné-Bissau, a mortalidade materna é das mais elevadas de África e do mundo, segundo dados da UNICEF e da OMS que referem as complicações durante a gravidez, no nascimento e no pós-parto, como as principais causas de morte em mulheres na idade reprodutiva.

Vasco Na Dum está desde setembro no Hospital de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães. Ele é um dos dez bolseiros colocados até final do ano em diversos hospitais portugueses, no âmbito do concurso de estágios de curta duração para profissionais de saúde dos PALOP e Timor-Leste, promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian. No mesmo hospital, estão ainda o anestesista Quintino Badam e Alexandrina Moura, enfermeira da área de Ginecologia e Obstetrícia, provenientes do Hospital de Cumura, também na Guiné-Bissau. São todos beneficiários da 6.ª edição deste concurso de estágios, que já permitiu que 99 técnicos de saúde estivessem em Portugal a aperfeiçoar técnicas e a aprofundar conhecimentos dentro da sua área de especialidade.

Saúde materna na Guiné-Bissau

Nascido na região sul de Tombali, Cadique, Vasco Na Dum aí viveu até ir para o liceu, em Bissau, e depois para a Faculdade de Medicina. Com a guerra civil (em 1998), partiu para Cuba, onde terminou a formação geral de Medicina. No regresso à Guiné trabalhou durante cinco anos como médico em Tite, na região de Quinara, cerca de 300 quilómetros a sudeste de Bissau.

Atualmente, trabalha na maternidade do Hospital Simão Mendes e quer, com este estágio, aprofundar os conhecimentos no diagnóstico e no tratamento das anomalias e em situações de patologia materno-fetal no trabalho de parto. Conta que as guineenses quando vão ao hospital, "já estão com 24/28 semanas, às vezes 30 ou 32, de gravidez, e só vão muitas vezes para levantar o cartão de grávida". Os hábitos arreigados levam-nas a ir uma vez e a não voltar, tentando fazer o parto em casa. "Se corre bem, tudo bem, mas se há complicações, vão para o centro de saúde."

VASCO NA DUM © MÁRCIA LESSA

MULHERES NALÚS COM SEUS FILHOS © JOSÉ VALBERTO T. OLIVEIRA

A situação piora quando tentam transferi-las para o hospital: há "casos de rutura uterina, feto morto e muitas outras complicações". Aí, refere o médico guineense, ainda têm de contar com problemas como a falta de sangue para transfusões. Vasco Na Dum diz que apesar das limitações, não há falta de atenção ou descuido dos médicos, "os pacientes é que chegam tarde demais".

A formação nesta área é fundamental, envolvendo outros profissionais de saúde, como os enfermeiros, em que se inclui Alexandrina Moura. Para fazer face à situação que se vive na saúde materna, é preciso envolver toda a gente, refere a diretora clínica do Hospital de Guimarães, Maria José Costeira: "O trabalho de enfermagem é fulcral, os médicos são necessários para as situações mais diferenciadas, mas o trivial é abordado pela enfermagem."

Apesar das dificuldades que sabe que vai encontrar quando regressar a Bissau e da realidade do hospital português ser bastante diferente daquela, Vasco Na Dum mostra-se confiante. "Vou tentar fazer o máximo que puder e implementar o mais possível as boas práticas que estou a aprender aqui, mas não posso fazer tudo. Há coisas que se fazem aqui que não podemos fazer lá." Por agora, fica o gosto pela experiência e pelo acolhimento recebidos: "São todos muito atenciosos e respondem a todas as minhas perguntas", diz, com um sorriso de quem se sente em casa.

JOSÉ MANUEL FURTADO © MÁRCIA LESSA

DELFIM RODRIGUES © MÁRCIA LESSA

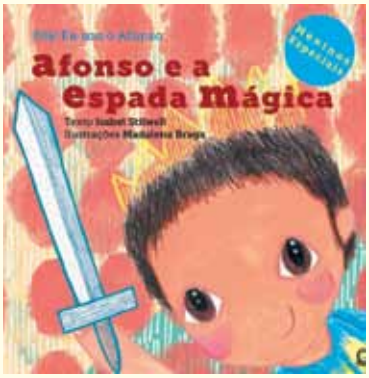
Orientar para melhor formar

José Manuel Furtado, médico ginecologista e obstetra do Hospital de Guimarães, é o responsável pela orientação do estágio de Vasco Na Dum. Pelas missões que tem realizado na Guiné conhece bem a realidade sanitária do país e tem acompanhado médicos e profissionais de saúde em idêntica situação, em edições anteriores deste projeto de estágios. Lembra que os médicos que chegam não são especializados: "São médicos de clínica geral que começam a trabalhar logo após o curso e que vão para determinada área por opção ou porque são lá colocados por necessidade. Trabalham em áreas da especialidade para a qual não estão preparados. Aprendem o que outros ensinam, ou por tentativa e erro."

Entusiasta deste tipo de cooperação, José Manuel Furtado não se poupa a esforços para acompanhar os estagiários, defendendo que esta formação lhes permite sentirem necessidade de outro tipo de aprendizagens. Está ciente das dificuldades que têm nos terrenos onde trabalham e sabe que os conhecimentos que, juntamente com a sua equipa no hospital, lhes transmite não podem ser copiados diretamente para a Guiné-Bissau. "Trata-se de adaptar o que se aprende cá à sua realidade. É uma mais-valia estar aqui. Podem fomentar uma medicina completamente diferente e combater os indicadores maus que a Guiné tem." Da experiência de estágio refere que nascem "laços com os serviços e com os profissionais que podem perdurar" e conta que são muitas vezes contactados para discussão de técnicas e protocolos.

O acolhimento de bolseiros no âmbito deste concurso da Fundação Calouste Gulbenkian, de estágios para profissionais dos PALOP, é apenas uma componente da internacionalização do hospital que, segundo o presidente do Conselho de Administração, Delfim Rodrigues, faz parte do seu dever de cooperação. "Entendemos que as parcerias com os países africanos são uma forma de confrontar os nossos profissionais com diferentes formas de trabalhar, com diferentes culturas, tornando-os mais ricos do ponto de vista técnico e humano e consequentemente mais aptos na resposta aos nossos doentes." O hospital tem uma rede de parcerias com várias instituições portuguesas e há mais de duas décadas que colabora regularmente na formação de profissionais de saúde dos países africanos de língua portuguesa.

Novos livros sobre meninos especiais



Depois da Vera (trissomia 21) e do Tiago (paralisia cerebral), entre outros, há novos protagonistas das histórias Meninos Especiais, em três livros que a Associação Pais-em-Rede acaba de lançar, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. Um deles é *Alexandre, o Ágil*, que conta a história de uma criança real – como todas aquelas em que se baseiam as histórias destes livros – portadora da síndrome de X Frágil, com origem numa mutação genética que provoca sintomas como a hiperatividade, a timidez social, dificuldades de concentração e explosões emocionais.

Para desmistificar patologias como esta, a Associação Pais-em-Rede tem vindo a convidar desde 2013 escritores e ilustradores para participar no projeto de criação de livros que oferecem um novo olhar, mais inclusivo, sobre crianças diferenciadas por alguma deficiência. Ana Zanatti e Madalena Bastos, Afonso Reis Cabral e Carla Isidro, Isabel Stilwell e Madalena Braga são as três duplas criativas – escrita e ilustração – por detrás dos novos livros desta coleção que, para além do Alexandre, nos falam também do Afonso, uma criança com um atraso global de desenvolvimento (causado por meningite), e do João, que apresenta grandes dificuldades de aprendizagem, não se sabe porquê (sem diagnóstico). Em comum estas crianças têm a necessidade de ser aceites e de fazer amigos, como toda a gente.

Um dos primeiros livros a ser publicado, *Um Mundo só Meu*, foi escrito por Alice Vieira e ilustrado por Paulo Guerreiro. A história de João, uma criança autista, já vai na 4.ª edição, o que revela também o entusiasmo com que famílias, escolas e instituições têm recebido estes livros. Todos os autores convidados fazem este trabalho criativo *pro bono*, depois de conhecerem as crianças e as suas famílias, retratadas nos livros.

A Pais-em-Rede é uma associação criada por um grupo de pais dispostos a lutar pela inclusão dos seus filhos com deficiência; o valor das receitas deste projeto de edição é utilizado no fortalecimento da rede de núcleos em todo o país e na criação de respostas inovadoras inclusivas.

Todos os livros Meninos Especiais podem ser adquiridos diretamente à Associação Pais-em-Rede, pelo email: geral@paisemrede.pt

Justiça para Tod@s e Vidas Ubuntu

Projetos alargados a mais de 150 escolas

PROJETO VIDAS UBUNTU

Os projetos Justiça para Tod@s e Vidas Ubuntu, que se dirigem aos jovens, procurando contribuir para a formação de novos cidadãos responsáveis, vão conhecer uma nova fase em que se pretende replicar as metodologias experimentadas, em 2014 e 2015, em mais escolas, abrangendo mais alunos. O objetivo dos dois projetos desenvolvidos pelo Instituto Padre António Vieira, com financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian, é chegar em 2016/2017 a 7500 jovens, a mais de 150 escolas de todo o país, centros educativos, estabelecimentos prisionais, para além de envolverem mais de 400 professores, técnicos, juízes, advogados e psicólogos.

Fomentar a educação cívica para a Justiça e para o Direito, realizando *workshops* e simulação de julgamentos onde são discutidos temas como o *bullying*, a violência no namoro, o roubo, ou o racismo e a intolerância, é a base do projeto Justiça para Tod@s, destinado a jovens entre os 12 e os 25 anos. Em Vidas Ubuntu é promovida a inclusão social através da metodologia de *personal storytelling* (histórias contadas na 1.ª pessoa), sendo particularmente vocacionada para jovens entre os 14 e 25 anos provenientes de contextos vulneráveis. Entre outros aspetos, o projeto pretende valorizar as raízes sociais e culturais dos jovens e reforçar a sua autoestima e a autoconfiança, projetando o futuro a partir da experiência de vida.

"Iniciativas verdadeiramente exemplares num modelo de ligação entre Estado e sociedade civil", foi como a ministra da Justiça, Francisca Van Dunem, qualificou estes projetos durante a cerimónia de lançamento da nova edição destes programas, mais alargada, que conta também com o apoio institucional do Ministério da Educação. "Este é um modelo de partilha que marca o que deve ser a inovação social nesta área", sublinhou Van Dunem. "A sociedade civil pode e deve chegar a áreas em que o Estado não tem capacidade de intervir no terreno. Ao Estado cabe definir uma política de intervenção e, por outro lado, funcionar como um impulsionador destas iniciativas."

O projeto Justiça para Tod@s tem como parceiro o Centro de Estudos Judiciários e foi incluído pela Direção-Geral de Reinserção e dos Serviços Prisionais nos centros educativos, garantindo um contacto efetivo de jovens em situações mais vulneráveis com os valores essenciais da democracia.

O ministro da Educação, Tiago Brandão Rodrigues, também realçou que, nesta ação conjunta, várias entidades "dão as mãos para promover os valores democráticos", a partir de uma ideia de Educação que tem no seu centro a Justiça e o Direito, incluindo os direitos humanos.

justicaparatodos.net / vidasubuntu.pt

Diálogos na universidade

O futuro da Europa e a Utopia são os temas das duas mesas-redondas programadas para este mês em duas universidades de Lisboa. Inseridas no projeto Diálogos, estas discussões querem contribuir para enriquecer o percurso académico dos estudantes, cruzando saberes e oferecendo uma formação mais aberta e abrangente.

A **16 de novembro**, às 17h30, o Anfiteatro da Universidade Nova de Lisboa terá José Pacheco Pereira, António Marques e Luís Moniz Pereira como convidados a debater o tema: *Este turbulento e poderoso continente. Que futuro para a Europa? – Ética e valores*. O debate realiza-se em colaboração com o departamento de Filosofia e o IFILNOVA – Instituto de Fiolosofia da Nova –, a partir da obra homónima de Anthony Giddens, publicada em 2015 pela Fundação Gulbenkian.

No dia **26 de novembro**, às 17h30, a anfitriã será a Universidade Católica – Lisboa. A partir da famosa obra de Thomas More, A *Utopia ou a melhor forma de governo* (publicada pela Fundação), José Tolentino de Mendonça, Paulo Pires do Vale e Joaquim Moreno vão dialogar sobre a utopia, numa colaboração com o Centro de Estudos de Religiões e Culturas desta universidade.

O projeto Diálogos, uma iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian, baseia-se na realização de conferências e cursos livres, em diferentes universidades do país, em que especialistas de áreas distintas debatem uma obra clássica do Plano de Edições da Fundação.

Society for Social Neuroscience com presidente português

© SANDRA RIBEIRO — IGC

Rui Oliveira, investigador principal do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), foi eleito presidente da Society for Social Neuroscience. O seu mandato começa no dia 1 de janeiro.

A Society for Social Neuroscience foi fundada nos Estados Unidos em 2010 com o objetivo de fomentar a investigação, formação e aplicações no campo das neurociências sociais. Esta área estuda os mecanismos neuronais, hormonais, celulares e genéticos que estão na base das estruturas que definem as espécies sociais e o comportamento e saúde humanos. Neurocientistas, psicólogos, psiquiatras, engenheiros e neurologistas são convidados a dialogar e partilhar conhecimento de modo a que possam beneficiar do trabalho realizado em diferentes áreas científicas.

Para Rui Oliveira, a eleição para este cargo significa "uma grande responsabilidade", mas também o "reconhecimento do trabalho na área emergente das neurociências que se tem feito em Portugal", onde o seu laboratório no IGC foi pioneiro. Rui Oliveira é também reitor do ISPA e investigador associado da Fundação Champalimaud.

Evolução de uma espécie envolve as bactérias residentes

© SANDRA RIBEIRO — IGC

Os animais vivem numa associação próxima com microrganismos, transportando bactérias benéficas e simultaneamente lidando com infeções patogénicas. Uma equipa de investigação do IGC descobriu que as bactérias simbióticas desempenham um papel direto na evolução do seu hospedeiro, modulando a forma como este se adapta a patogénios. Este estudo foi publicado recentemente na revista científica *PLoS Genetics*.

Cada vez mais se torna claro que as bactérias que residem no corpo de animais desempenham importantes funções na vida do hospedeiro. As bactérias simbióticas podem influenciar o desenvolvimento, a fisiologia e o comportamento do hospedeiro, bem como aumentar a sua resistência a patogenos. Na presença de uma ameaça patogénica, os animais acabam por se adaptar e, ao fim de algumas gerações, essa população animal vai apresentar uma diversidade genética diferente, resultante do processo adaptativo. Só que os animais não evoluem sozinhos: as bactérias que transportam também evoluem. Até hoje não se tinha investigado a real contribuição da evolução das bactérias simbióticas na adaptação de animais a patogenos. Élio Sucena e Luís Teixeira, investigadores principais de dois laboratórios do IGC, juntaram as suas competências e abordaram este problema realizando experiências em moscas da fruta (*Drosophila melanogaster*) que transportam diferentes estirpes de uma bactéria simbiótica que lhes confere proteção contra vírus, a *Wolbachia*.

Os investigadores observaram que, ao longo da evolução, as estirpes bacterianas que conferem maior proteção contra a infeção viral eram preferencialmente selecionadas e mantidas na população de moscas expostas ao vírus. As outras estirpes de bactérias desapareceram da população de moscas. A seleção de estirpes de *Wolbachia* estava associada à vantagem que forneciam ao hospedeiro: após a infeção, as moscas que transportavam as estirpes bacterianas mais protetoras eram capazes de sobreviver melhor e reproduzir-se mais do que as outras moscas. Élio Sucena e Luís Teixeira esclarecem que "o hospedeiro e as suas bactérias simbióticas estão a agir como uma unidade em resposta à infeção patogénica, com a evolução de ambos os genomas a contribuir para a adaptação do hospedeiro", e acrescentam que "uma melhor compreensão de como um organismo evolui e qual o papel desempenhado pelas suas bactérias simbióticas pode ajudar a clarificar a complicada relação entre hospedeiro e patogenos".

Um novo mecanismo na formação de neurónios

© FRANCISCA VASCONCELOS — IGC

Um estudo publicado na revista *Cell Reports* revela a existência de um mecanismo essencial para a formação de neurónios durante o desenvolvimento embrionário. O estudo, desenvolvido pela equipa de investigação do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) liderada por Diogo Castro, é um contributo para entender melhor a formação de neurónios, uma vez que as células estaminais embrionárias dão origem a diferentes tipos de células especializadas, incluindo os neurónios. O que determina que um tipo de células seja diferente de outro é o conjunto de genes que está ativo em cada tipo de células, mas ainda pouco se sabe sobre como é que esse estado final de diferenciação é alcançado.

Os investigadores analisaram cérebros de embriões de rato e de culturas de células estaminais neuronais e descobriram que uma determinada molécula, o fator de transcrição MyT1, promove a formação de neurónios. "Os fatores de transcrição funcionam como maestros de uma orquestra, controlando a identidade das células ao indicarem quais os genes que estão ativos em cada momento do desenvolvimento embrionário", explica Francisca Vasconcelos, primeira autora deste estudo e investigadora no laboratório de Diogo Castro. No entanto, esta molécula funciona de forma diferente: em vez de ativar os genes que conferem identidade neuronal, o MyT1 "desliga" os genes que conferem o estado indiferenciado característico das células estaminais. Diogo Castro explica que as "alterações na identidade da célula requerem não só a aquisição de novas características ou funções, mas também a supressão daquelas que caracterizam o estado imaturo inicial".

Os resultados desta equipa de investigação mostram que o MyT1 interliga ambos os eventos, revelando como é que estes processos são sincronizados de modo a que ocorram de forma ordenada. Este estudo foi realizado em colaboração com cientistas do San Raffaele Scientific Institute (Itália) e do Karolinska Institute (Suécia).

Dia Aberto IGC

Centenas de pessoas participaram, a 1 de outubro, no Dia Aberto do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC). Dos mais jovens aos mais velhos, muitos foram os que quiseram conhecer o que fazem os investigadores do IGC, participando em atividades científicas, jogos e visitas aos laboratórios, mas também em conversas com cientistas.

CONVERSAS COM CIENTISTAS © CATARINA JÚLIO

ATIVIDADES "MÃOS NA MASSA" © GABRIELLE COSOY

ATIVIDADES "MÃOS NA MASSA" © NATHAN RATKIEWICZ

Um jovem maestro promissor

Nuno Coelho Silva, bolseiro da Fundação Gulbenkian, foi o primeiro vencedor da recém-criada categoria de Direção de Orquestra do Prémio Jovens Músicos (PJM).

© PEDRO A. PINA / ANTENA 2

O diretor artístico do Festival Jovens Músicos, Luís Tinoco, fala de "um desejo de longa data", finalmente concretizado no contexto da celebração dos 30 anos do Prémio. Não hesita em falar de "uma aposta ganha", não só porque a Direção de Orquestra se revelou a categoria com maior número de inscrições nesta edição do Prémio, como também porque "confirmou a emergência de muitos novos valores a fazerem um trabalho de inegável qualidade nesta área".

Tinoco, que foi também um dos membros do júri, sublinha "a qualidade técnica e artística" de Nuno Coelho Silva, e a sua "enorme capacidade para comunicar de forma imediata e muito clara com a orquestra". Recordou que, na primeira prova ao vivo (após a primeira seleção feita através de visionamento de gravações em vídeo), o jovem maestro "impressionou com uma emocionante leitura" do *Prelúdio à Sesta de um Fauno*, de Claude Debussy. No final, "tanto os jurados como os músicos da orquestra estavam verdadeiramente cativados com a forma como dirigiu essa obra".

Luís Tinoco elogia também o nível geral dos participantes nesta edição do Prémio Jovens Músicos, pois reflete a subida do "nível do ensino e, consequentemente, da performance musical". A grande dúvida desta edição residia precisamente na Direção de Orquestra, por se tratar de uma categoria nunca incluída em concurso. Uma aposta ganha porque, como diz, "confirmou-se a excelência dos nossos jovens músicos e a quantidade e diversidade de talentos que só podem deixar-nos felizes e otimistas".

Nuno Coelho Silva começou por estudar violino, mas rendeu-se à arte da direção de orquestra frequentando, na Alemanha, o Dirigentenforum do Deutsche Musikrat, e na Suíça, a Zuercher Hochschule der Kunste. A sua performance no Grande Auditório da Fundação, à frente da Orquestra Sinfónica Portuguesa, no concerto público de consagração do Festival Jovens Músicos, não deixou ninguém indiferente. De Amesterdão, onde trabalha agora como maestro assistente, o jovem músico de 27 anos fala das suas aspirações e da entrega à música.

Que significado atribui a este prémio?

Julgo que o prémio representa um reconhecimento do trabalho que tenho vindo a desenvolver e que pude demostrar ao longo das provas. Foi um grande privilégio poder dirigir a Orquestra Sinfónica Portuguesa e estou grato à Antena 2, ao Teatro S. Carlos e à Fundação Gulbenkian pela aposta no concurso. Além disso, creio que esta nova categoria veio mostrar que há muitos jovens maestros portugueses com muito talento, vontade e competência.

A sua carreira musical passará agora definitivamente pela Direção de Orquestra?

Penso que passará sobretudo pela Direção de Orquestra, mas ainda tenho alguns projetos como violinista. Desloco-me algumas vezes à Bélgica para tocar na Orquestra Real da Flandres.

Tem algum repertório de eleição ou gosta de dirigir qualquer tipo de programa?

Ainda não tenho um repertório de eleição. Gosto muito de ouvir e tocar música barroca, assim como música contemporânea e gostaria de as combinar com o repertório clássico ou romântico nos meus concertos.

Que projetos tem atualmente?

Neste momento, estou a tempo inteiro em Amesterdão, a colaborar como maestro assistente numa produção da ópera *Parsifal* [de Richard Wagner] na Dutch National Opera. O maestro principal é Marc Albrecht, diretor da Ópera de Amesterdão e maestro principal da Nederlands Philharmonisch Orkest. É uma produção do encenador Pierre Audi com os cantores Christopher Ventris, Petra Lang, Ryan McKinny, entre outros. Em dezembro, vou dirigir quatro concertos com a Nederlands Philharmonisch Orkest, incluindo um na famosa sala do Concertgebouw, em Amesterdão.

E depois, o que se seguirá?

No próximo ano regresso a Zurique para uma pós-graduação com o professor Johannes Schlaefli, com quem estudei até agora. Quanto ao resto, é difícil prever. Há um ano não imaginava poder dirigir em Amesterdão ou no Grande Auditório Gulbenkian. Gostava muito de trabalhar num teatro de ópera e de me especializar nesse repertório. Vou continuar a fazer provas e concursos e aproveitar as oportunidades que forem surgindo.

© PEDRO A. PINA / ANTENA 2

Rede de Bolseiros Gulbenkian

Nuno Coelho Silva é um entre as dezenas de milhares de estudantes que desde os anos 50, altura em que a Fundação Gulbenkian começou a atribuir bolsas de estudo, beneficiaram de bolsas para a sua formação. Muitas das figuras que se evidenciaram em várias áreas na vida nacional foram bolseiros Gulbenkian em vários cantos do mundo. Atualmente, é possível aceder a uma rede que reúne cerca de mil bolseiros Gulbenkian no LinkedIn (uma rede social de contactos profissionais) e que permite a partilha e troca de informações entre aqueles que compõem a grande "família" dos atuais e antigos bolseiros Gulbenkian.

A rede, de acesso reservado a bolseiros, admite novos membros e permite a partilha de informação sobre os trabalhos que estão a realizar, colocar questões, manter ou iniciar novos contactos, bem como tomar conhecimento de outros bolseiros Gulbenkian da área ou região geográfica onde desenvolvem a sua atividade. Os novos membros podem juntar-se a esta rede em: linkedin.com/groups/Bolseiros-Gulbenkian-8108293.

Prémio Europeu Helena Vaz da Silva para Eduardo Lourenço e Plantu

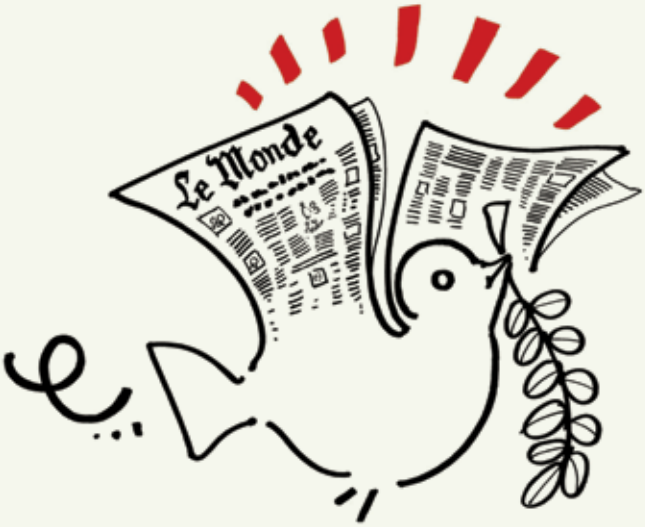
Os ensaios de Eduardo Lourenço e os desenhos de Plantu refletem a sua relação, simultaneamente entusiástica e crítica, com a Europa. Vencedores *ex aequo* da edição de 2016 do Prémio Europeu Helena Vaz da Silva para a Divulgação do Património Cultural, o ensaísta e filósofo português e o famoso cartoonista do jornal francês *Le Monde*, estiveram lado a lado na cerimónia de entrega do Prémio, em outubro, na Fundação Calouste Gulbenkian.

O presidente do júri, Guilherme d'Oliveira Martins, disse que a atribuição deste prémio duplo representa "um alerta contra a indiferença, um alerta pela liberdade", num tempo em que a Europa precisa que acreditem nela, como sublinhou o Presidente da República. Marcelo Rebelo de Sousa não deixou de destacar o carácter europeísta e europeu de ambos os vencedores, recordando a personalidade ímpar e a paixão de Helena Vaz da Silva pelo ideal europeu.

Perante uma plateia repleta de personalidades ligadas à cultura e ao património, Eduardo Lourenço evocou Helena Vaz da Silva e saudou a presença de António Guterres, considerando a sua eleição para secretário-geral das Nações Unidas como "o acontecimento mais importante" para Portugal, "pelo menos desde a Revolução de Abril".

O Prémio Europeu Helena Vaz da Silva distinguiu Eduardo Lourenço enquanto especialista da alma e do imaginário português, memória viva da cultura portuguesa de que é um dos maiores historiadores e um dos seus criadores mais fecundos. Quanto a Plantu, o prémio distingue o seu contributo, através do desenho, da ironia e da emoção, para a promoção dos valores europeus, da tolerância e da paz.

Instituído em 2013 pelo Centro Nacional de Cultura, em cooperação com a Europa Nostra e com o Clube Português de Imprensa, este prémio distingue contribuições excecionais para a proteção e divulgação do património cultural e dos ideais europeus. Conta com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, do Ministério da Cultura, do Ministério dos Negócios Estrangeiros e do Turismo de Portugal.



CARTOON DE PLANTU PARA O JORNAL *LE MONDE*

Este prémio recorda a jornalista portuguesa, escritora, ativista cultural e política, e a sua notável contribuição para a divulgação do património cultural e dos ideais europeus. É atribuído anualmente a um cidadão europeu cuja carreira se tenha distinguido pela difusão, defesa e promoção do património cultural da Europa, quer através de obras literárias e artísticas, quer através de reportagens, artigos, crónicas, fotografias, documentários, filmes de ficção e programas de rádio e/ou televisão. O escritor italiano Claudio Magris foi o primeiro laureado em 2013; seguiu-se-lhe o Prémio Nobel da Literatura Orhan Pamuk, em 2014; e o músico e maestro catalão Jordi Savall, em 2015.

Crises socioeconómicas e saúde mental

Fórum Gulbenkian de Saúde Mental

Os principais especialistas mundiais no estudo dos determinantes sociais da saúde mental e das estratégias para a promoção da saúde mental das populações vão estar reunidos, no final de novembro, na Fundação Calouste Gulbenkian, para a conferência Crises Socioeconómicas e Saúde Mental: da Investigação à Ação.

Ao longo de dois dias, serão apresentados estudos científicos sobre os efeitos da crise económica na saúde mental das populações e serão discutidas as estratégias que podem minimizar os riscos da crise económica na saúde mental. As crises económicas, sabemo-lo, são períodos de risco elevado para o bem-estar e para a saúde mental. No entanto, dependendo das políticas que adotam, as sociedades podem ser mais ou menos resilientes aos efeitos negativos das recessões.

Sir Michael Marmot, diretor do Institute of Health Equity (University College London) e investigador, há mais de 40 anos, em assuntos relacionados com desigualdade na saúde, será um dos oradores a seguir com atenção. O epidemiologista defende que a saúde não é simplesmente uma questão de estilo de vida, ou de acesso aos cuidados de saúde. "As desigualdades na saúde são geradas pelas condições em que as pessoas nascem, crescem, vivem, trabalham e envelhecem; e pelas desigualdades de poder, dinheiro e recursos – os determinantes sociais da saúde", escrevia Michael Marmot num artigo de opinião publicado no jornal *The Guardian* no ano passado. O autor do livro *The Health Gap: The Challenge of an Unequal World* (Bloomsbury, 2015), onde é desenvolvido o conceito de "gradiente social na saúde", sublinha que a saúde "está relacionada com a desigualdade das condições sociais e económicas que nos afetam a todos. Quanto mais educação, ou quanto mais altos forem os rendimentos, melhor é a saúde". Crick Lund, da Universidade da Cidade do Cabo (África do Sul), será outros dos oradores destacados nesta ocasião, para falar sobre pobreza, desigualdades e saúde mental.

No final do fórum, representantes da Organização Mundial de Saúde e do Lisbon Institute of Global Mental Health, uma estrutura que resulta do trabalho internacional desenvolvido nos últimos anos pela Faculdade de Ciências Médicas/Nova Medical School com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, deixarão recomendações estratégicas para Portugal, um país que tem sido particularmente afetado pela crise económica, mas também para outros países interessados em implementar estas propostas.

CRISES SOCIOECONÓMICAS E SAÚDE MENTAL: DA INVESTIGAÇÃO À AÇÃO

Auditório 2 – entrada gratuita
24 e 25 novembro

Programa completo e inscrições em gulbenkian.pt

Orquestra Gulbenkian em digressão pelo Brasil

A Orquestra Gulbenkian realiza, este mês, uma digressão ao Brasil, marcando presença em algumas das mais emblemáticas salas de espetáculo de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Dirigida pelo maestro Lawrence Foster e tendo como solista o violoncelista brasileiro Antonio Meneses, a Orquestra Gulbenkian atua, no dia 6, no Auditório do Parque Ibirapuera, um edifício concebido por Oscar Niemeyer situado no mais importante parque urbano da cidade de São Paulo. Este concerto realiza-se na plateia exterior deste Auditório e tem entrada livre. O programa inclui o Concerto para violoncelo e orquestra de Édouard Lalo e a Sinfonia n.º 3 de Mendelssohn.

Nos dias 7 e 8 é a vez da icónica Sala São Paulo receber a Orquestra Gulbenkian e Antonio Meneses, em dois concertos onde serão interpretadas, entre outras obras, Deux Portraits Imaginaires, de Pedro Amaral, o Concerto para violoncelo e orquestra n.º 1 de Dmitri Chostakovitch e a Sinfonia n.º 3 de Mendelssohn. A última apresentação da Orquestra realiza-se a 9 de novembro com um concerto no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Desta vez será tocada a Sinfonia n.º 8 de Franz Schubert, o Concerto para violoncelo e orquestra de Édouard Lalo e a Sinfonia n.º 8 de Antonín Dvořák

Estes concertos terão lugar no âmbito das temporadas de música de duas importantes instituições culturais brasileiras, responsáveis por esta digressão: a Sociedade de Cultura Artística de São Paulo e a Dell'Arte Soluções.

FREDERICO LOHMANN

"Uma rica troca de experiências para os dois lados"

Frederico Lohmann, superintendente geral da Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, fala desta colaboração e da importância destas iniciativas para o reforço dos laços culturais entre o Brasil e Portugal.

A Cultura Artística é uma das organizadoras desta digressão. O que faz esta organização?

A Cultura Artística é uma sociedade privada sem fins lucrativos que há mais de 100 anos se dedica à promoção da música e das artes em São Paulo. Anualmente, organizamos uma série de concertos que conta com dez atrações apresentadas entre

SALA SÃO PAULO © D.R.

os meses de março e novembro. Acreditamos no papel transformador da música e além dos espetáculos de excelência, nos dedicamos com igual afinco a atividades educativas. A *tournée* da Orquestra Gulbenkian é um bom exemplo disso, pois, além das duas apresentações na magnífica Sala São Paulo, será realizada uma apresentação *open-air* no principal parque da cidade, o Ibirapuera, e ainda *masterclasses* do compositor Pedro Amaral e dos músicos da orquestra em escolas de música.

Como surgiu a ideia desta parceria entre a Sociedade e a Fundação Gulbenkian?

A Orquestra Gulbenkian já coopera regularmente com a OSESP – Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, uma importante parceira da Cultura Artística. Regularmente as duas instituições encomendam obras a músicos contemporâneos brasileiros e portugueses, o que é uma iniciativa fantástica para difusão da música que é produzida nos nossos dias. A apresentação inicial entre Cultura Artística e Orquestra Gulbenkian foi feita há quase três anos pelo Arthur Nestrovski, diretor artístico da OSESP, e fomos imediatamente seduzidos pelo projeto, dada a qualidade da Orquestra Gulbenkian e afinidade de propósito das duas instituições.

De que modo iniciativas como estas reforçam os laços culturais entre os dois países?

Desde que foi criada em 1912, a Cultura Artística tem estabelecido uma ponte entre a produção musical local e do resto do mundo. São Paulo então contava com 500 mil habitantes e uma produção cultural incipiente. Hoje, São Paulo é uma metrópole de quase 20 milhões de habitantes com um tecido cultural complexo e muito dinâmico, o que torna a nossa missão muito mais complexa e desafiadora. A deslocação transatlântica de uma grande orquestra é sempre uma enorme tarefa, não só do ponto de vista económico, mas também de logística. Consideramos que o esforço de organizar esta *tournée* em São Paulo se justifica, pois será uma oportunidade única para apresentar aos paulistanos o trabalho de excelência que é desenvolvido pela Orquestra Gulbenkian em Portugal e também dar uma pequena amostra da produção musical contemporânea portuguesa através da obra de Pedro Amaral incluída no programa. Além disso, ao longo das atividades mencionadas, previstas para a Orquestra na cidade, acredito que os músicos da Gulbenkian também poderão conhecer uma pouco do cenário musical local, o que torna o projeto uma rica troca de experiências para os dois lados.

Este mês

A música de Hindi Zahra, a dança de Faustin Linyekula, a jovem revelação do piano Varvara, entre outros espetáculos, marcam presença na Gulbenkian Música em novembro.

HOMELAND DE HINDI ZAHR

Durante a digressão da Orquestra Gulbenkian pelo Brasil, o Coro Gulbenkian e o agrupamento de jovens músicos europeus Les Cornets Noirs, sob a batuta de Michel Corboz, juntam-se para cantar uma das mais grandiosas obras corais de Monteverdi – *Vespro della Beata Vergine* (**3 e 4/11**).

Noutro registo e no âmbito do ciclo Músicas do Mundo, a cantora franco-marroquina Hindi Zahra apresenta o seu novo álbum, *Homeland*, levando-nos numa viagem às suas origens (**5/11**). Este concerto realiza-se no âmbito do Festival Misty Fest.

Destaque ainda para o regresso do pianista Emanuel Ax para interpretar, a solo, um aliciante programa de obras de Franz Schubert e Fryderyk Chopin (**6/11**).

FAUSTIN LYNIEKULA © AGATHE POUPENEY

Este mês haverá também lugar para a dança com um espetáculo do bailarino e coreógrafo congolês Faustin Linyekula, convidado como Artista na Cidade 2016, uma iniciativa que envolve várias salas de espetáculo lisboetas. Linyekula apresenta o projeto *more more more… future*, uma corajosa reflexão sobre o seu país, ao ritmo hipnótico do ndombolo – a música das noites de Kinshasa (**10 e 11/11**).

De regresso a Lisboa, após quatro atuações no Brasil, a Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo maestro israelo-americano Benjamin Shwartz, dará um concerto que marca a estreia no Grande Auditório da jovem pianista russa Varvara. O programa inclui o Concerto n.º 20 para piano e orquestra, de Mozart, e a 4.ª Sinfonia de Mahler com a participação da soprano Sunhae Im (**17 e 18/11**).

O concerto seguinte da Orquestra Gulbenkian será dirigido pelo maestro catalão Ernest Martínez-Izquierdo (**24 e 25/11**). Nesta sua terceira presença consecutiva na Gulbenkian Música conduzirá excertos do bailado *Romeu e Julieta*, de Prokofiev, e o *Capriccio espagnol*, de Rimsky-Korsakov. Com o solista Sergey Khachatryan, dará ainda a ouvir o Concerto para violino n.º 1 em sol menor, op.26 de Max Bruch. Segue-se uma nova apresentação de Solistas da Orquestra Gulbenkian. Este concerto, de entrada livre, inclui obras de Richard Strauss e de Bottesini.

VARVARA © JORDI ROCA

Portugal em Flagrante
Operação 2

Um importante conjunto de obras de pintura da Coleção Moderna do Museu Calouste Gulbenkian estará em exposição, a partir do dia 18 deste mês, na segunda parte da mostra **Portugal em Flagrante**.

A primeira parte desta exposição (Operação 1), inaugurada este verão, reúne livros, fotografias, gravuras e desenhos da coleção no piso inferior do edifício da Coleção Moderna, oferecendo uma introdução à história da arte e da cultura de Portugal do século XX.

A Operação 2 vai mostrar obras fundamentais de artistas como Amadeo de Souza-Cardoso, Almada Negreiros, Mário Eloy, Eduardo Viana, Mário Cesariny, Maria Helena Vieira da Silva, Paula Rego, Lourdes de Castro, António Areal, António Dacosta, Álvaro Lapa, Julião Sarmento, Gil Heitor Cortesão, João Louro e Isabel Simões, entre muitos outros.

A apresentação é cronológica e dá ênfase a alguns dos momentos marcantes da história da arte portuguesa. Estarão em foco as primeiras três décadas do século XX a partir da *Exposição dos Independentes*, uma mostra organizada pela Sociedade Nacional de Belas Artes, em 1930, que reuniu trabalhos das novas gerações de artista. Seguem-se exemplos das diversas experiências surrealistas, bem como da nova figuração e abstração da década de 1960. São também destacadas as propostas da década de 1970, bem como o impacto da exposição *Alternativa Zero*, organizada por Ernesto de Sousa na Galeria Nacional de Arte Moderna em Lisboa. Nesta progressão cronológica será ainda recordada a exposição internacional *Diálogo*, realizada na Fundação Gulbenkian, e os eufóricos anos da década de 1980. Por fim, estará representada a última década do século XX e o primeiro decénio do século XXI.

A exposição testemunha ainda o impulso que levou os artistas portugueses a sair do país, com bolsas frequentemente atribuídas pela Fundação Calouste Gulbenkian, em direção aos grandes centros artísticos, primeiro Paris, mais tarde Londres, e finalmente Berlim e Nova Iorque. A pintura dos séculos XX e XXI surge enquadrada no contexto alargado dessa permanente migração e intersecção cultural.

Em fevereiro de 2017, uma terceira parte (operação 3) completará esta apresentação da Coleção Moderna com um conjunto igualmente significativo de trabalhos em escultura, instalação, entre outros suportes.

MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA (1908–1992), *HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA OU NAUFRAGE*, 1944, MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN — COLEÇÃO MODERNA © MÁRIO DE OLIVEIRA

PORTUGAL EM FLAGRANTE OPERAÇÃO 1 E 2

Curadoria: Penelope Curtis, Ana Barata, Ana Vasconcelos, Leonor Nazaré e Patrícia Rosas Prior

Museu Calouste Gulbenkian - Coleção Moderna

Terceiro Andar

TERCEIRO ANDAR © LUCIANA FINA

A instalação de Luciana Fina, que a Fundação Gulbenkian apresenta no âmbito do Doclisboa, propõe uma reflexão alargada sobre várias questões, a partir do diálogo entre duas mulheres, mãe e filha, imigrantes oriundas da Guiné-Bissau. Composta por um díptico – duplo ecrã em projeção contínua –, a instalação reflete o trabalho de uma artista que tem vindo a transpor o seu trabalho das salas de cinema para as salas de exposição.

Tudo se passa num prédio do Bairro das Colónias, em Lisboa, onde as protagonistas e a cineasta habitam. No espaço sonoro e plástico do terceiro andar, onde vivem com uma família numerosa, mãe e filha dialogam sobre o amor e a construção da felicidade. A filha traduz a língua da mãe e ao traduzir interpreta os seus discursos. O som sobe as escadas e os patamares, atravessa as paredes, as portas e os corredores, ocupa as casas e as varandas e percorre todo o prédio.

Terceiro Andar funciona como um jogo entre movimento e ponto de vista, a partir de dois eixos. Um horizontal que mostra a relação entre mãe e filha e que compõe espacialmente a atividade de *traduzir* – transportar, de um ecrã ao outro, as palavras, os olhares, as histórias; e um eixo vertical, dos movimentos de câmara, das escadas do edifício, das raízes das plantas que caem do último andar, aquele onde habita Luciana Fina. Com este trabalho, a artista italiana ensaia mais um gesto cinematográfico que interroga as formas narrativas e a matéria do cinema.

Luciana Fina nasceu em Itália e trabalha em Lisboa desde 1991. Após uma longa colaboração com a Cinemateca Portuguesa como programadora independente, estreia-se no cinema em 1998. Desde então, tem desenvolvido um trabalho que investiga as possibilidades do cinema no campo das artes. A partir de 2003, cria a série de retratos fílmicos reunidos no projeto "O Tempo de um Retrato". Tem apresentado internacionalmente o seu trabalho em festivais e exposições. O seu mais recente documentário, *In Medias Res*, realizado a partir dos textos do arquiteto Manuel Taínha, recebeu uma menção honrosa do Temps d'Images Film on Art Award e o Prémio Melhor Filme Nacional do Arquiteturas Film Festival.

TERCEIRO ANDAR
INSTALAÇÃO DE LUCIANA FINA
no âmbito do Doclisboa

Museu Calouste Gulbenkian
– Coleção Moderna
até 23 janeiro 2017

A Forma Chã

A exposição apresenta quatro instalações que abordam a relação entre as artes chãs ao longo do tempo e do espaço, o lugar da aula/conferência na produção artística e a influência da história nas produções artísticas e arquitetónicas dos últimos 50 anos.

Estas instalações recorrem ao arquivo fotográfico dos historiadores de arte George Kubler e Ad Reinhardt, e dos arquitetos Paulo Varela Gomes e João Vieira Caldas, dando testemunho de vários exemplos da arquitetura chã em Portugal. A série de diapositivos da dupla de arquitetos portugueses documenta o processo de construção de obras como a Faculdade de Arquitetura do Porto ou o bairro da Malagueira em Évora, da autoria de Álvaro Siza Vieira.

É mostrada ainda uma palestra do artista norte-americano Robert Smithson, dirigida a estudantes de Arquitetura, gravada na Universidade do Utah, EUA, e cedida pelo Museu Guggenheim de Nova Iorque.

Em torno desta exposição terá lugar, no **dia 23** deste mês, uma conferência proferida por Eeva-Liisa Pelkonen intitulada **Ambiguidades Arquitetónicas**.

ASPETO DA EXPOSIÇÃO © CARLOS AZEVEDO

A FORMA CHÃ
Curadoria: Eliana Sousa Santos

Museu Calouste Gulbenkian – Coleção do Fundador/Galeria do Piso Inferior
até 9 janeiro 2017

Obra

Building Site (Obra) é uma exposição programada pela Trienal de Arquitetura que reflete sobre as transformações e os desafios dos estaleiros de obra contemporâneos. Apresenta casos de estudo nacionais e internacionais que interrogam em que medida a organização dos estaleiros de obra pode afetar a própria arquitetura. A curadoria é de André Tavares, com a colaboração de Giovanna Borasi, Hugo Palmarola, Ivo Poças Martins, Jorge Carvalho, Pedro Alonso e Simon Vaillant.

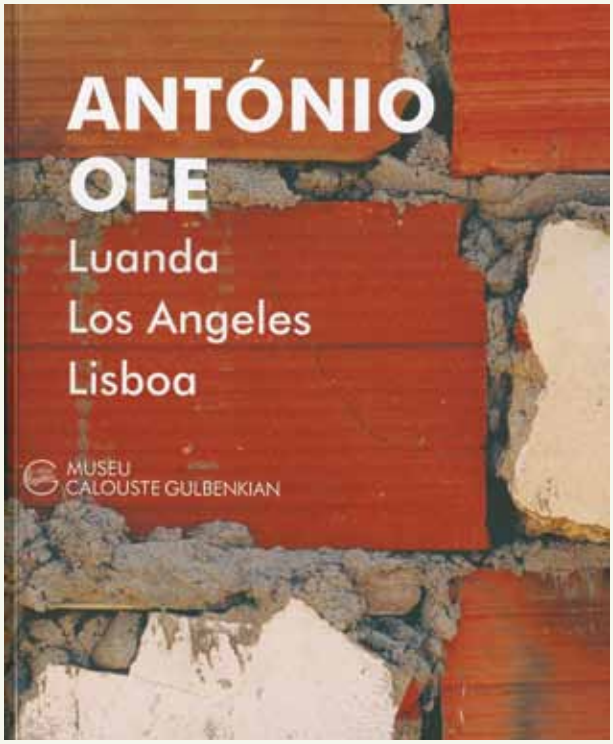
Paralelamente a estas exposições realiza-se, no **dia 17** deste mês, a conferência **Talk Talk Talk** com a participação de arquitetos, engenheiros e académicos nacionais e internacionais, como André Tavares, Pedro Fiori Arantes, Eike Roswag-Klinge, Matthew Fineout, Émilien Robin, Adrian Forty, Rui Furtado e Bárbara Rangel.

ASPETO DA EXPOSIÇÃO © CARLOS AZEVEDO

BUILDING SITE (OBRA)
Curadoria: André Tavares

Edifício Sede / Piso Inferior
até 11 dezembro

Um artista entre cidades
Catálogo da exposição



António Ole é o seu nome artístico porque, "quando era novo, nas minhas primeiras exposições, achava que António Oliveira era muito parecido com António de Oliveira Salazar e então tirei umas letras do Oliveira e ficou Ole." Encontramos esta e muitas outras revelações na longa conversa entre o artista e a curadora Isabel Carlos, transcrita no catálogo da exposição retrospetiva *António Ole. Luanda, Los Angeles, Lisboa*. Ao longo de quase 20 páginas, um dos mais proeminentes artistas angolanos dá-se a conhecer e ao seu percurso artístico de 50 anos, construído em diálogo com diferentes gerações de artistas e intelectuais, e com diferentes culturas, na primeira pessoa.

António Ole relata nesta conversa ter sido em Los Angeles que encontrou a sua africanidade: "Quando uma pessoa está à distância do seu local de origem, o pensamento é muito fértil, tudo fica mais claro", explica o artista que nem 20 anos tinha quando, para sua surpresa, se viu anunciado como "a maior promessa artística de Angola", depois da polémica em torno de uma das suas primeiras obras *Sobre o Consumo da Pílula* (1970).

Nestas páginas fala também do que significa ser "caluanda" (habitante de Luanda), da independência de Angola e da sua própria independência. Fala-nos das suas viagens, do Brasil, da Califórnia, da descoberta (do cinema e de uma imensidão de coisas), da solidão e de figuras que o marcaram, como Mécia de Sena (viúva de Jorge de Sena), que conheceu nos Estados Unidos e que o convidava para almoçar cozido à portuguesa. Fala do regresso a Angola, de banda

"A minha arte acabou por estar sempre muito ligada à ideia da sobrevivência. Não era só a minha sobrevivência, mas a sobrevivência de uma quantidade imensa de pessoas que vivia naquelas condições."

ASPETO DA EXPOSIÇÃO © CARLOS AZEVEDO

desenhada, da censura, do tempo passado em Lisboa e de alguns artistas com quem conviveu e que o influenciaram, como Eduardo Batarda, João Hogan, António Palolo, entre outros. Fala do seu trabalho, que constrói "com os despojos da História", fala da escravatura e faz confissões íntimas como esta: "A minha arte acabou por estar sempre muito ligada à ideia da sobrevivência. Não era só a minha sobrevivência, mas a sobrevivência de uma quantidade imensa de pessoas que viviam naquelas condições."

Uma cronologia da série conhecida como Township Walls também é apresentada nesta publicação, tendo sido a partir de 1994 que a construção de murais começou a marcar fortemente a obra de António Ole. "Havia uma sabedoria naquela babilónia de volumes e acabei a recolher materiais jogados fora pela sociedade, restos de madeira, bocados de lata, e a fazer as minhas *assemblages*, que eram também uma forma de abrir a consciência das pessoas que vão aos museus e às exposições porque, de outra maneira, essa realidade passa-lhes ao lado."

O catálogo da exposição é bilingue e inclui textos da cocuradora da exposição Rita Fabiana e de Nadine Siegert, investigadora da Bayreuth Academy of Advanced African Studies. A retrospetiva de António Ole pode ser visitada no Museu Calouste Gulbenkian – Coleção Moderna, até 9 de janeiro.

Pierre-Auguste Renoir pintou este retrato de Camille, mulher de Claude Monet, entre 1872 e 1874, numa época em que visitava muito a família Monet em Argenteuil. O quadro, pertencente à Coleção do Fundador do Museu Calouste Gulbenkian, é a imagem que abre a exposição Renoir: intimidad *no Museu Thyssen, em Madrid. As imagens documentam a chegada do quadro e a sua colocação na exposição que abriu a 18 de outubro e encerra a 22 de janeiro de 2017.*

D.R. © MUSEU THYSSEN

D.R. © MUSEU THYSSEN

D.R. © MUSEU THYSSEN

D.R. © MUSEU THYSSEN

RETRATO DE MADAME CLAUDE MONET, PIERRE-AUGUSTE RENOIR, FRANÇA, 1872-1874

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

Av. de Berna, 45A
1067-001 Lisboa
gulbenkian.pt